

Experiência de Si e Autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia

Self-experience and authorship: theoretical articulations based on digital photography workshops in a mental health service

Resumo: Este artigo apresenta uma estratégia metodológica baseada na produção de imagens fotográficas para estudar a forma como sujeitos experienciam a si mesmos em um determinado contexto político/institucional. Partimos da noção foucaultiana de que os sujeitos podem-se reconhecer de diferentes modos em jogos de verdade que dizem respeito à sua condição de vida. O interesse em estudar esta relação vem nos lançando em direção a diferentes metodologias, baseadas na *construção* de um campo de estudos em contextos específicos, no presente caso, o da saúde mental. No projeto *Oficinando em Rede*, do qual fazemos parte atualmente, tal construção se materializa em oficinas tecnológicas que buscam, entre outras coisas, propiciar contextos favoráveis à experiência de autoria de crianças e adolescentes em tratamento em um centro de saúde mental em Porto Alegre. Uma destas oficinas é a de fotografia, onde os jovens são convidados a produzirem imagens a partir de uma pergunta. A pergunta que temos feito é sobre a forma como eles vêem o local. Consideramos que, através de propostas como esta, ancoradas por recursos tecnológicos e produção de espaços de autoria, poderemos refletir sobre a experiência que estes sujeitos fazem de si mesmos na especificidade desse contexto. Neste artigo buscamos situar como chegamos a esta proposição no que tange a sua parte teórica, ou seja, como aproximamos as noções de experiência de si (FOUCAULT, 2001) e autoria e como a fotografia se constitui como estratégia peculiar nesse encontro.

Palavras-chaves: Experiência de si. Autoria. Oficinas de Fotografia. Centro de saúde mental.

Abstract: This article presents a methodological strategy based on the production of photographic images to study the way in which subjects experience themselves in a given institutional/political context. We based ourselves on the foucaultian notion that subjects can recognize themselves in different ways within games of truth which relate to their life experience. The interest in studying this relationship has led us to the use of different methodologies, based on the *construction* of a field of study in specific contexts: in this case, mental health. In the *Oficinando em Rede* project, in which we currently participate, such a construction is materialized in technological workshops which, among other goals, aims to build contexts which favor the experience of authorship by children and adolescents being treated in a mental health service in Porto Alegre, Brazil. One of these workshops is that of digital photography, in which authors are invited to produce images based on a question. The question we have been asking is the way in which they see the place they are in. We consider that, through proposals such as this, anchored in technological resources and in the production of authorship spaces, we will be able to reflect on how these subjects experience themselves based on the specificity of this context. In this article, we explain how we have arrived upon the theoretical aspects of this proposition, by discussing (a) how we have linked the concepts of self-experience (FOUCAULT, 2001) and authorship, and (b) how photography consists in a peculiar strategy in this link.

Key-words: Self-experience. Authorship. Digital photography workshops. Mental health service.

MAURENTE, Vanessa; MARASCHIN, Cleci. Experiência de Si e Autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 39-46, jul./dez. 2008.

Vanessa Maurente
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cleci Maraschin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1 Experiência de Si e Autoria: uma aproximação teórica

As formas tradicionais de produção de conhecimento acadêmico em psicologia estão muito marcadas pela observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários, testes ou formação de grupos de discussão focados em algum tema específico. Fora a primeira delas, as outras estão muito centradas na fala. Além disso, a maioria traz subentendida uma separação entre *coleta de dados*, produção de conhecimento e aplicação de conhecimento. Partindo de um forte pressuposto em Psicologia Social, que afirma que estas três categorias estão mais imbricadas do que parecem, e do interesse no estudo sobre as formas como os sujeitos experienciam a si mesmos em determinados regimes de verdade sustentados pelo contexto em que vivem, buscaremos por em debate outras metodologias de pesquisa e intervenção.

A idéia de uma pesquisa-construção (MARASCHIN; MAURENTE; DIEHL, 2007) aponta para o entendimento de um campo fluido, onde os problemas e as possibilidades de transformação se constroem junto aos sujeitos, sendo a produção de conhecimento um dos resultados destas *práticas*. Neste caso, o sujeito não é um indivíduo que contém uma interioridade

constante, mas um produto e produtor de práticas e saberes, que existe no campo político dos contextos em que vive. Sendo assim, ele tem um papel ativo na construção de realização de experiências de pesquisa. Desde 2004, no projeto Oficinando em Rede, temos trabalhado com oficinas tecnológicas – internet, fotografia, escrita, robótica – com crianças e adolescentes em tratamento em um centro de saúde mental em Porto Alegre. Tais oficinas buscam construir novas redes junto a estes jovens, assim como explorar outros espaços de autoria e produção de conhecimento. As oficinas de fotografia têm como característica a busca de uma torção nas relações de visibilidade, pois convidam os sujeitos a produzirem imagens em um contexto onde, muitas vezes, eles são colocados em uma posição de objeto de um olhar e de um saber legitimado e especializado. Em algumas destas oficinas os adolescentes são convidados a responderem uma pergunta somente com imagens. Isto abre um campo de exploração de outras sensibilidades e singularidades e pode ser um caminho interessante para o estudo da noção de experiência de si (FOUCAULT, 2001) e de autoria.

A proposição aos sujeitos de pesquisa de que fotografem vem de estudos anteriores (TITTONI, 2004, MAURENTE, 2005, MAURENTE; TITTONI, 2007), que buscavam abordar a ética e a estética do trabalho, através dos modos como alguns trabalhadores informais se experienciavam em relação aos jogos de verdade que definiam o que é um (bom) trabalhador. Em uma das pesquisas (MAURENTE; TITTONI, 2007) seis trabalhadores de rua foram convidados a fotografarem durante um dia a partir da questão: *O que é o seu trabalho?* As produções fotográficas traziam sempre uma ambigüidade, onde formas de trabalhar hegemônicas se encontravam com formas alternativas de sobrevivência realizadas no cotidiano pelos sujeitos da pesquisa. O exercício de fotografar trouxe à tona o campo tenso e problemático que se tornou o trabalho com o aumento do desemprego e redefinição das formas de produção capitalistas. Sendo assim, os fotógrafos-trabalhadores compartilhavam suas construções sobre o trabalho através de imagens que passavam pelas formas como eles experienciavam a si mesmos em relação aos jogos de verdade instituídos sobre as formas de trabalhar.

Aos poucos aprofundamos a discussão

sobre a relação entre o fotografar e a forma como os sujeitos experienciam a si mesmos nos discursos. Desta maneira, fomos nos aproximando da discussão sobre autoria, que se fez especialmente presente no contexto de jovens em tratamento em um centro de saúde mental. Evidentemente, a forma como aproximamos teoricamente as noções de experiência de si e autoria exige situar alguns pontos da trajetória filosófica de Michel Foucault, para um melhor entendimento das potencialidades das proposições que temos feito nas oficinas. Segue abaixo uma breve retomada de alguns pontos que podem explicitar essa construção.

Foucault (1997) traz a noção de *discurso* como um conjunto de enunciados que se materializa através de práticas articuladas de forma a responder às exigências de determinado contexto histórico. Neste âmbito, as *formações discursivas* seriam os conjuntos de regras, enunciados e objetos que responderiam a um regime próprio e autônomo de formação, efetuando-se mediante condições de possibilidade de surgimento, existência e transformação. A noção de formação discursiva nos permitiria falar em um discurso psiquiátrico, médico ou psicológico, como articulações passíveis de reconfigurações pela coexistência com outros discursos. Dessa forma, as formações discursivas perfilar-se-iam entre si, transformando-se e definindo-se nos limites daquilo que podem ser em cada momento.

Ainda em relação ao entendimento da noção foucaultiana de discurso neste momento (FOUCAULT, 1997) é importante ressaltar que, apesar de alguns discursos tratarem do mesmo tipo de objeto – como no caso da medicina social, em determinado momento, da psiquiatria e da psicologia, que tratam da loucura – isto não significa que o objeto discursivo seja algo que pertença ao domínio das coisas existentes. Pelo contrário, o objeto discursivo é uma resultante lógica de certas regras e práticas das quais emerge, ou seja, é um objeto que existe pela materialização do discurso. Quando Foucault (2005) escreve a história da loucura ele busca compreender que gestos causam a exclusão na era clássica e depois, na era moderna, a medicalização da loucura, afirmando que a história da psiquiatria tenta atribuir uma continuidade entre a experiência social da loucura e o seu conhecimento *científico* pela psiquiatria. Entretanto, este autor busca, entre outras coisas, desconstruir a no-

ção de que a loucura seria um objeto permanente – e, assim, o que se modificaria seria o conhecimento que se tem dela – afirmando que não apenas a percepção barroca da loucura não é a mesma percepção clássica ou moderna, mas as próprias estruturas destas experiências não são as mesmas. Nessa obra Foucault (1997) afirma que aquilo que é tomado como loucura pelos médicos dos séculos XVII e XVIII não é a mesma coisa que aparece nas sentenças jurídicas, ou policiais, por exemplo, ou seja, que não se tratam dos mesmos loucos. Dessa forma, podemos entender que a unidade dos discursos é feita no espaço onde diversos objetos se transformam e não pela permanência ou singularidade de um objeto .

Em determinado momento de sua trajetória filosófica, Foucault irá propor uma espécie de método de estudo para estas formações de saberes: a arqueologia. Através dela, Foucault buscará fazer o estudo da história do pensamento a partir de um eixo de análise bem diferente daquele que a história tradicional propõe. Enquanto esta trata de apagar, em benefício das estruturas fixas, todas as perturbações da continuidade, o método que Foucault propõe, em meados da década de sessenta, pretende “[...] desalojar estas forças obscuras através das quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 24).

Até este momento, pode-se considerar que a centralidade dos estudos de Foucault era a análise histórica do saber, dos seus sistemas anônimos e mutáveis. Contudo, no início dos anos setenta, este autor vai deslocar, de certa forma, o eixo de seus estudos, afirmando que todo conhecimento representa, antes de tudo, um ato de violência em relação às coisas e que a verdade, compreendida como a riqueza do pensamento, é uma “[...] prodigiosa maquinaria destinada a excluir [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 22). A partir de então, este autor irá centralizar suas análises nas formas como a interdição que atinge o discurso revela sua ligação íntima com o poder, de modo que, por trás de todo o saber, de todo o conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder (FOUCAULT, 1996).

A partir de então este filósofo se lança em uma história política do conhecimento, que ganhará o nome de genealogia. Esse método consiste em ver, historicamente, como se

produzem efeitos de verdade no interior dos discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos (FOUCAULT, 1993). Evidentemente, este *ver historicamente* consiste em um modo de análise peculiar que se opõe ao método historiográfico tradicional, que se concentra na pesquisa da origem. O método genealógico entende que “[...] o que se encontra no começo histórico das coisas não é uma identidade preservada da origem, mas uma discórdia, um disparate [...]” (FOUCAULT, 1993, p. 18). Para dar conta da explicação deste método, o autor invoca a noção de *proveniência* como esta ruptura em relação à pesquisa da origem. O estudo da proveniência, como coloca, não funda, muito pelo contrário, “[...] ele mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo [...]” (FOUCAULT, 1993, p. 22). Dessa forma, a genealogia, como análise da proveniência, produz uma quebra na noção de linearidade, estando atenta às rupturas que se produzem nos contextos de dominação, às resistências e às possibilidades de produção de novos sentidos.

Esta proposta foucaultiana “[...] mais do que analisar o poder do ponto de vista da sua racionalidade interna, consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias [...]” (FOUCAULT, 1995, p.240). Neste sentido, falar de poder é falar de relações de poder, onde as possibilidades de resistência se colocam como uma espécie de pré-requisito para que estas relações se efetuem. Quando não existe a alternativa da resistência, não se trata mais de uma relação de poder, mas de um estado de dominação (FOUCAULT, 1995). Nestes estados, não existe a possibilidade que algo se modifique, de modo que as *relações* ficam bloqueadas, cristalizadas. As relações de poder, por sua vez, implicam a noção de jogos de verdade, entendidos como os jogos do verdadeiro e do falso, nos quais o sujeito se constitui historicamente como experiência (FOUCAULT, 2001). Os jogos de verdade são os jogos pelos quais se produzem efeitos de verdade em coisas que não são, em si, nem verdadeiras, nem falsas. Esta noção do que é verdadeiro e do que é falso, ocorre, então, em um processo de lutas, de confrontos e de resistências.

A partir das noções de jogos de verdade e em um momento que se considera uma terceira fase da trajetória filosófica de Foucault, o eixo de análise será a forma como os sujeitos se

reconhecem nestes jogos de verdade, ou seja, os processos de subjetivação. Em relação a isso, Foucault (2004) afirma que, ao contrário de algumas interpretações que fazem de sua obra, o que sempre lhe interessou foi a constituição histórica das diferentes formas do sujeito em relação aos jogos de verdade, sendo que, neste momento, a centralidade dos seus estudos passa a ser a forma como o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através de práticas de si. Entretanto, estas práticas não partem de uma interioridade do sujeito, mas de sua relação com as regras, estilos e convenções do seu meio cultural. Neste sentido, a noção de experiência de si remete às formas como os sujeitos se reconhecem nos jogos de verdade que o constituem e são, ao mesmo tempo, aquilo contra o que eles resistem.

A experiência no centro de saúde mental em questão se dá pela forma como alguns discursos se confrontam e produzem relações de poder no campo da psiquiatria, em geral, e no local citado, especificamente, considerando que este contexto passa por um momento de rupturas de formas de saber únicas e hegemônicas que passam a abrir espaço para novas articulações. Ao mesmo tempo, abordamos a forma como os sujeitos envolvidos com estas práticas em saúde mental se reconhecem nos jogos de verdade que definem as relações entre eles, as noções de doença/saúde mental e as formas de abordagem do que consideram o sofrimento psíquico. Junto a isso, buscamos entender que re-elaborações são possíveis neste contexto e de que sujeitos estas re-elaborações podem partir. Desta forma, fomos delineando a proposta da oficina de fotografia. Tal proposta consistia em solicitar aos sujeitos da instituição – trabalhadores e jovens em tratamento – que respondessem, somente através de imagens, o que era o local.

Considerando esta proposição e que esta oficina de fotografia pode dar operatividade ao exercício de uma autoria, buscamos tentar entender a tomada desta posição de autor como uma forma de experiência de si, onde os sujeitos poderiam-se colocar, dotados de uma câmera e uma possibilidade de produção criativa, diante dos diferentes discursos que definem as relações de poder no local.

Para tanto, é necessário nos aproximarmos da noção de função autor, tanto para Foucault quando para outros autores. Este artigo ini-

ciou situando algumas etapas da trajetória filosófica foucaultiana em razão de que a noção de função autor aparece em um texto (*o que é o autor – 1969*) na época em que a centralidade de sua discussão era a arqueologia e, de certa forma, entendemos que podemos partir das idéias da função autor e sugerir um deslocamento no eixo de análise em relação à noção foucaultiana de função autor para construir a presente discussão.

A análise que Foucault (2001) realiza, em 1969, sobre a função autor coloca que esta é uma função característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento dos discursos no interior de uma dada sociedade e que, por esta razão, ela não se exerce da mesma maneira em diferentes contextos históricos e discursivos. Além disso, ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, mas “[...] pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar [...]” (FOUCAULT, 2001, p. 280). Da mesma forma ela não remete a qualquer produção, mas a tipos de produções específicas que variam de acordo com os contextos discursivos que as fazem funcionar. Neste entendimento, a função autor é uma constituição discursiva que busca responder a uma exigência histórica.

Entretanto, existem outras formas de abordagem da questão da autoria, que não desconsideram o fato dela ser uma função do discurso, mas concentram-se em outros analisadores. O entendimento que buscamos dar toma a função autor como uma possibilidade de sustentar uma diferença em uma rede de sentidos compartilhada por uma coletividade e ser reconhecido por esta mesma coletividade (MARASCHIN, 2005). Esta noção nos permite pensar em uma posição sujeito capaz de questionar, apontar para rupturas, marcar os espaços de descontinuidade. Sendo assim, o autor como entendemos pode relacionar-se de forma singular com os discursos que o constituem. A importância de abordar a função autor neste trabalho se colocou como um dos resultados das pesquisas anteriores realizadas pelo projeto *Oficinando em Rede* (DIEHL, 2007), nas quais observamos que as posições de saber encontravam-se cristalizadas na instituição, cabendo apenas a alguns sujeitos a possibilidade de produzir *verdades* no local. Do mesmo modo que tais sujeitos

se legitimavam como detentores do saber, outros eram colocados no lugar de objetos deste mesmo saber. Consideramos, entretanto, que todos os sujeitos que compõem a instituição se relacionam com os discursos hegemônicos de uma forma singular, por um processo de resistência ao instituído. O que acontece, como um efeito das práticas dominantes, é uma fragilização das possibilidades de sustentação destas experiências no coletivo. Sendo assim, a problemática remete não apenas ao estudo da experiência de si, mas da função autor, como um percurso do sujeito no qual sua experiência ganha legitimidade.

A partir deste entendimento, a experimentação de uma função autor pelos sujeitos deste centro através das oficinas de fotografia poderia não apenas nos aproximar da forma como estes sujeitos vêm fazendo uma experiência de si em relação aos jogos de verdade que definem as práticas institucionais em relação à doença/saúde mental, mas, além disso, produzir uma torção nas posições de produção/reprodução/afirmação instituídas, avaliando um potencial de resistência e de criação. Sendo assim, propomos a compreensão do exercício da função autor como uma forma de experiência de si, onde os sujeitos especificam e sustentam um tipo de relação singular com os discursos que os constituem.

2 Oficinas de Fotografia

Sete modalidades de oficinas de fotografia foram oferecidas no serviço de saúde mental em questão desde o início do projeto oficinas em rede: 1) para as crianças da internação, com a proposição de que fotografassem livremente; 2) para os adolescentes da internação, com a proposição de que fotografassem livremente; 3) para adolescentes do ambulatório, com a proposição de que fotografassem livremente; 4) para adolescentes do ambulatório, com a proposição de que fotografassem a partir de uma pergunta; 5) para a equipe técnica, com a proposição de que fotografassem em grupo a partir de uma pergunta; 6) para os auxiliares de enfermagem, com a proposição de que fotografassem individualmente a partir de uma pergunta; e, 7) para os adolescentes da internação, com a proposição de que fotografassem a partir de uma pergunta. Cada

uma delas tinha um objetivo específico e colocava alguns analisadores em jogo. A última, realizada com os adolescentes da internação, teve como ponto central a proposição de um exercício de autoria ao colocar a estes jovens, imersos no funcionamento institucional pela sua modalidade de tratamento, a seguinte pergunta a ser respondida somente com imagens: *Como você vê este lugar?* Acreditamos que esta proposição contém em si dois elementos importantes: que a relação de cada sujeito com a instituição é singular – pois cada um terá uma resposta – e que esta resposta pode ser dada através de um acoplamento com uma tecnologia de produção de imagens digitais. Este último ponto refere-se a uma noção de fotografia como resultado do encontro entre um sujeito e uma tecnologia específica e não como réplica do referente a partir da luz.

Ao todo foram quatro encontros nesta oficina e dela participaram sete adolescentes. No primeiro foram levados livros de diferentes tipos de fotografia e foi introduzida uma discussão sobre a autoria de imagens fotográficas. No segundo foi proposto que eles fotografassem livremente, experimentando a câmera. No terceiro foi solicitado que eles respondessem, somente através de imagens, como viam o lugar. Após isto, todas as fotografias foram passadas para o computador e as imagens produzidas por cada um deles foram identificadas (os nomes foram colocados nos arquivos). No último encontro foram escolhidas as fotografias para a exposição.

A experiência de fotografar colocou em questão a forma como os adolescentes se relacionam com a instituição. Em um primeiro momento, só o fato dos jovens estarem segurando câmeras e produzindo imagens em um contexto em que são normalmente observados e controlados, já produziu um certo estranhamento no cotidiano do serviço. Em um segundo momento, pode-se pensar que o exercício que os jovens fizeram de expressar o que vivem através de uma tecnologia inusitada pode colocá-los em uma posição de autoria. Tal posição pode ser observada no reconhecimento que os adolescentes fizeram das próprias imagens como uma produção singular e no modo como as imagens entraram na rede de sentidos do coletivo.

Quanto à temática das imagens, a maioria delas trazia cenas de aprisionamento (grades, janelas, cadeados). Além disso, este assunto

predominava nos comentários dos jovens sobre as fotos. A fotografia que mais teve repercussão foi a **imagem1** (fig. 1), de Fe¹, que traz a cena do banheiro dos usuários do serviço com uma cueca e um calção pendurados.



FIGURA 1 – Imagem1 (Fe)

Os jovens comentaram que a fotografia parecia haver sido tirada de um presídio e que era assim que eles percebiam o local. Após verem a imagem de Fe no computador, quatro outros jovens buscaram fotografar o banheiro. Varias imagens de um mesmo local apontam para algo que é compartilhado pelos adolescentes na relação com a instituição, mas também para algo singular – pois a imagem de Fe teve como efeito a produção de novos e diferentes olhares. Cada foto traz um ponto de vista diferente. A **imagem2** é composta por uma foto de cada jovem após a apreciação da foto de Fe (fig. 2).

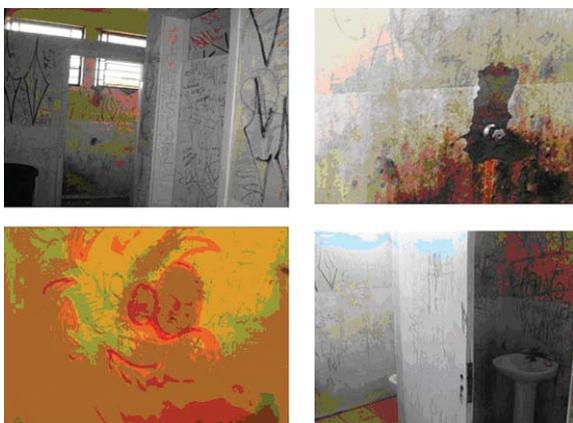


FIGURA 2 – Imagem2 (da esquerda para a direita, de cima para baixo: Ale, Manu, MX e PC).

¹ Pseudônimo criado pelo autor, por recomendação do comitê de ética. Todos os jovens estão designados por pseudônimos no texto.

Outra imagem que gerou discussões foi a de MX, que fotografou a vista da janela ao lado de seu leito – **imagem3** (fig. 3). O adolescente disse que esta é a cidade que ele vê do lado de dentro do hospital.



FIGURA 3 – Imagem3

Quando a imagem foi mostrada por MX aos outros jovens e aos auxiliares, todos perguntavam de onde ele havia produzido esta foto. Então ele mostrou o local de onde tinha a vista. Isto parece indicar a potencialidade da fotografia de materializar a singularidade do olhar do fotógrafo. No caso em questão, este olhar faz parte da relação do jovem com a instituição e pode ser compartilhado e reconhecido pelos demais neste momento.

3 Discussão

Nosso ponto de análise foi a oficina como um todo – a proposta, a forma como foi recebida pelos jovens e pelos profissionais, as discussões sobre fotografia realizadas nos primeiros encontros, o exercício de fotografar livremente e com uma pergunta, a escolha das fotos para impressão e exposição. Aqui abordaremos alguns dos pontos analisados, mais especificamente os que se referem às noções de experiência de si e autoria.

As imagens trazidas ajudam a pensar de que forma o dispositivo da oficina de fotografia possibilita exercícios de autoria, que podem ser entendidos como uma forma de experiência de si. A **imagem1** foi produzida em um espaço muito particular do serviço: o único onde as marcas singulares dos jovens – inscrições nas paredes, no caso – podem-se manter. Nos outros espaços, estas marcas são apagadas, seja por uma mão de tinta na parede, seja

através de apagamentos simbólicos como o uso de roupas coletivas e o recebimento de um diagnóstico que passa a ser mais importante do que o próprio sujeito no contexto institucional. Este espaço onde marcas particulares são possíveis é também o único que resguarda a privacidade e é geralmente associado com o que há de sujo e limpo no corpo. Nesse sentido a imagem do banheiro é também uma imagem de intimidade, especialmente na foto em que aparece uma cueca pendurada. O que foi realizado por Fe pode ser considerado uma inscrição sobre inscrições, a materialização de um olhar singular sobre as linhas de fuga dos sujeitos em tratamento psíquico no serviço. O impacto da fotografia passa pela relação que estes sujeitos tem com a instituição, ou seja, pela forma como eles se fazem existir em um local que pouco considera suas particularidades, suas marcas.

Os comentários que a imagem produz nos remetem também a isso. A idéia da foto *parecer ter sido tirada de um presídio* aponta para a forma como os jovens sentem os efeitos do funcionamento institucional. Isto parece ser um tipo de relação compartilhada que apareceu na forma de discussão. Neste mesmo dia eles já sabiam que poderiam escolher duas fotografias para imprimir e todos escolheram a **imagem1**. Entretanto, no dia seguinte, quando os jovens foram convidados a fotografar novamente – mas, desta vez, a partir de uma pergunta – quatro deles fotografaram o banheiro **imagem2**. Isto nos permite reconhecer que os jovens no local compartilham uma rede de sentidos composta, entre outras coisas, pelas práticas institucionais. Tal compartilhamento se atualiza em uma sintonia com a **imagem1** de Fe. Entretanto, também aparecem experiências singulares em relação a esta rede, na medida em que os outros jovens foram inspirados pela **imagem1** a produzirem novas fotografias. Poderíamos pensar neste movimento como um exercício de autoria, onde a experiência de si se coloca em jogo através da produção de uma imagem capaz de ser compreendida em uma coletividade.

A produção da **imagem3** também nos leva a pensar na potencialidade da fotografia de colocar em cena diferentes olhares. Assim como as pessoas estranharam a fotografia de MX – de onde ele a havia tirado –, ele mesmo também estranhou que elas não soubessem. O

seu olhar se tornava particular para ele e para as pessoas. Ao retomarmos a idéia de autoria como o reconhecimento de uma diferença em uma rede de sentidos, podemos propor que a foto de MX provocou esse exercício. A imagem produzida pelo menino ganhou reconhecimento no fato de que ninguém imaginava o seu ponto de vista. Dessa forma o seu olhar se fazia particular e, ao mesmo tempo, compartilhável.

4 Conclusões

As produções em campo nos levam a pensar que as oficinas de fotografia podem servir como estratégia na construção de modos de expressão e exercícios de autoria. Quando se trata de um campo tenso, como o de um serviço que funciona dentro de um hospital psiquiátrico, a possibilidade dos usuários produzirem sentidos acerca do contexto de tratamento pode, por si só, produzir efeitos interessantes para a instituição, na medida em que dissolve as linhas fixas que definem quem tem o saber. Na experiência relatada, no momento em que os jovens são convidados a expressar como percebem a instituição, muitos retornam um olhar sobre as possibilidades de escapar à ordem instituída. Nesse jogo, eles expressam as relações de poder no local e podem experimentar a si mesmos como parte ativa deste campo de tensões.

As imagens evidenciam uma estética prisional por um lado, e um retorno à cidade, por outro. Essa divisão é congruente com as práticas em saúde mental na instituição, que ora se atualizam em um modelo manicomial de tratamento, ora buscam fortalecer outras redes de convivência aos jovens. A discrepância das imagens produzidas evidencia como os jovens experienciam tais práticas: reconhecendo-as, porém ainda sem uma implicação para a ação que possa por em exercício uma cidadania ativa. Esse resultado revela a potencialidade do fotografar de colocar em evidência sentidos que são vividos, mas que nos modos de expressão instituídos não encontram espaço. A tomada de uma posição de autoria neste processo pode ser considerada uma forma de experiência de si na qual rupturas são possíveis. Entretanto, sabemos que a experiência de si ultrapassa os exercícios de autoria na amplitude das experiências do sujeito.

A experiência analisada revela virtualidades que podem se atualizar ao modificarmos as modalidades de intervenção. Embora saibamos que de um exercício de autoria a um exercício de cidadania exista uma distância a

ser percorrida, essas experiências fomentam micropolíticas que podem indicar caminhos para outros trabalhos que potencializem os próprios técnicos a criar diferentes modalidades de expressão.

Referências

- DIEHL, Rafael. **Do Mapa à Fotografia**: planografias de um espaço louco. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, Porto Alegre, BR-RS.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS Hubert. **Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P. 231-250.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O que é um Autor. In: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. São Paulo: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos, v. 3) P. 264-298.
- FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. São Paulo: Forense Universitária, 2004. (Ditos e Escritos, v. 5) P. 264-287.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MARASCHIN, Cleci; AXT, Margarete. Acoplamento Tecnológico e Cognição. In: VIGNERON, Jacques; OLIVEIRA Vera. **Sala de Aula e Tecnologias**. São Bernardo do Campo: Ed. da Universidade Metodista de São Paulo, 2005. P. 39-51.
- MARASCHIN, Cleci; MAURENTE, Vanessa; DIEHL, Rafael. Pesquisa-Intervenção ou Pesquisa-Construção. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 37., 2007, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2007.p.273.
- MAURENTE, Vanessa; TITTONI, Jaqueline. Imagens em Pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 33-38, set./dez. 2007.
- TITTONI, Jaqueline. Saúde Mental, Trabalho e Outras Reflexões Sobre Economia Solidária. In: MERLO, Álvaro (Org.). **Saúde e Trabalho no Rio Grande do Sul**: realidade, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. V. 1, p. 65-93.

Recebido em julho de 2008

Aceito para publicação em agosto de 2008

Vanessa Maurenre

Doutoranda em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE/UFRGS), bolsista da CAPES.
vanessamaurenre@yahoo.com.br

Cleci Maraschin

Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
clecimar@orion.ufrgs.br